II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
A LINGUAGEM INCRIDA DAS RIBEIRINHAS DO NORTE:
UM DIÁLOGO ENTRE GUIMARÃES ROSA E ELIANE BRUM³³

Antero da Silva Bragança Gomes (PUC-RJ)
angomes1@gmail.com

RESUMO

O jornalismo literário elabora seus textos numa zona de vizinhança entre o literário e o informativo. Com isso, procura novas subjetividades, em meio à constante imposição de uma objetividade da mídia. Este artigo pretende analisar como algumas dessas experiências em narrativas jornalísticas feitas pela repórter Eliane Brum influenciaram na forma como vozes periféricas do Brasil se fizeram visíveis. Em especial, aborda o contágio com a obra de João Guimarães Rosa para a descoberta da “sobrevivência” da cultura e da linguagem dos ribeirinhos do Amapá.

Palavras-chave: Literatura e jornalismo. Linguagem. Vozes periféricas.

1. *Considerações iniciais*

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não são sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E, outra coisa: o diabo é às brutas; mas Deus é traçoeiro! Ah, uma beleza de traçoeiro – dá gosto. (Riobaldo, em “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa)

Às 4 horas da tarde, Bertolamê se levantou e seu bastão se "amantumou". Em seu caminho, caminhou. Encontrou Nossa Senhora, perguntou onde vai Bertolamê. Vou à casa de Nossa Senhora. Vai, Bertolamê, que lá te darei bom condão. Onde não morre mulher de parto nem menina abafada [...] O que essa mulherada sofre na maternidade é um golpe. (Jovelina, a parteira mais afamada de Ponta Grossa do Piriri, em “A Floresta das Parteiras”, matéria de Eliane Brum)

As duas epígrafes, conformadas como estão no alto da folha, uma acima da outra, não pretendem justificar, aqui, uma analogia. Tampouco se pretende defender uma hierarquização entre o texto fictício de João

³³ O presente trabalho foi apresentado com o apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Guimarães Rosa, de 1956, e a matéria jornalística de Eliane Brum, publicada na revista *Época*, em março de 2000. No entanto, assim, como estão, uma abaixo da outra, é possível perceber um contágio. Não se pode ignorá-lo. Em que medida esse contágio é voluntário e qual a razão disso são duas perguntas que se apresentam de antemão. Normalmente, os textos jornalísticos da gaúcha Eliane Brum não “respeitam” militarmente as regras mais tradicionais dos manuais de redação. Existe, em seus artigos, um atravessamento. Percebe-se um desejo por literatura. Suas palavras, suas imagens, assentam-se numa zona de vizinhança entre o informativo e o literário. Eliane Brum usa frequentemente elementos retóricos de ficcionalidade. Mas, embora alguns leitores tenham se acostumado a achar seus textos, afamados na internet, “bonitinhos”, não existe nessa urdidura apenas uma “vontade estetizante”. Então, pode-se perguntar: ao utilizar, em matérias jornalísticas, elementos típicos de alguns movimentos artísticos, quais efeitos narrativos consegue Eliane Brum e onde ela acaba se posicionando como intelectual na contemporaneidade?

Antes de mais nada, é necessário discutir o que vem a ser jornalismo literário. Falou-se, no primeiro parágrafo, em desejo por literatura, zona de vizinhança. No entanto, existe um princípio rígido do jornalismo que é afrontado nesses tipos de textos: o da objetividade, obsessão pacificada nas redações dos jornais. Jesús Martín-Barbero lembra-nos que, “se um discurso aparece como objetivo em relação a outro, é porque as regras que definem sua produção, e seu consumo, estão conformes à definição social de objetividade” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.116). Em suma: a objetividade é sempre socialmente construída. Lembre-se de que conhecer para nós, ocidentais e “civilizados”, em geral, e para os repórteres, em particular, é frequentemente “dessubjetivar” tanto quanto possível. Sobre isso, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, ao fazer uma comparação entre esse modo científico de “conhecimento”, criticando-o, e o dos xamãs (no fundo, os “cientistas das tribos indígenas”), conclui que, “para nós, explicar é reduzir a intencionalidade do conhecido”, enquanto “para eles (os xamãs), explicar é aprofundar a intencionalidade”, isto é, “determinar o ‘objeto’ de conhecimento como um ‘sujeito’” (CASTRO, 2008, p. 41-42). Em suas palavras:

[...] nosso ideal de Ciência guia-se precisamente pelo valor da objetividade: devemos ser capazes de especificar a parte subjetiva que entra na visão do objeto, e de não confundir isso com a coisa em si [...] Você conhece algo bem quando é capaz de vê-lo de fora, como um “objeto” [...] ou seja, para nós a boa interpretação do real é aquela na qual é-se capaz de reduzir a intencionalidade do objeto a zero [...] Quanto mais se é capaz de interpretar o comportamento humano (ou animal) em termos digamos, de estados energéticos de

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

uma rede neuronal, e não em termos de crenças, desejos, intenções, mais se está conhecendo. (CASTRO, 2008, p. 40)

Entretanto, o jornalismo literário, considerado aqui um gênero a priori (um gênero que precisa se misturar para sobreviver, diga-se), mexe um pouco com esse cenário pacificado de objetividade rígida, na medida em que o repórter utiliza a voz autoral e a imersão na realidade das suas “personagens”. Nos textos de Eliane Brum, é comum aparecerem opiniões e conclusões pessoais, resultado de uma subjetivação que leva em conta a intencionalidade do seu “objeto”. E, para isso, muitas vezes ela se utiliza do poético e do ficcional. Assim, desestabiliza não somente o discurso, mas também a forma jornalística em que ele é inserido. Há um desejo por multiplicidades de narrativas.

Exemplo disso é a matéria especial intitulada “A enfermaria entre a vida e a morte”, publicada em agosto de 2008 na revista *Época*, na qual Eliane Brum “recita” um poema de Manuel Bandeira logo no segundo parágrafo, reservando para isso oito linhas de uma coluna. Já em “A Floresta das parteiras”, veiculada na mesma revista, em 2000, a jornalista, em alguns momentos, vira também personagem da narrativa, dialogando com as mulheres da Amazônia. Em relação às estratégias usadas na construção da narrativa pela repórter (e pelo *New Journalism*³⁴ de um modo geral), cabe fazer uma relação com o pensamento de Muniz Sodré. Para ele, o texto jornalístico pode ser retoricamente ficcional, embora não fictício. Já o texto literário comporta o ficcional e o fictício.

[...] mas se trata aí de empréstimos, de influências (às vezes, mútuas), e não de equivalência de identidades. Quando um jornalista se comporta como um narrador literário – por exemplo, usando linguagem pessoal ou coloquial, colocando a si mesmo na cena do acontecimento, dando cores de aventura romanesca a seu relato, litigando com as fontes de informação, etc. – não está “fazendo literatura”, e, sim, lançando mão de recursos de retórica literária para captar ainda mais a atenção do leitor. (SODRÉ, 2009, p. 144)

A partir do que coloca Sodré, surgem algumas questões para o presente artigo. Ao usar elementos retóricos de ficcionalidade, Eliane Brum consegue somente chamar a atenção do seu leitor? Seria esse o único efeito alcançado, a despeito de qual seja a sua intenção, quando ela alterna o ato de narrar com o de descrever e o de “romancear”? Ou, ao

³⁴ *New Journalism* é um gênero jornalístico surgido nos Estados Unidos, na década de 60, que utiliza elementos retóricos de ficcionalidade. Entre os seus expoentes, estão os jornalistas e escritores Truman Capote, Tom Wolfe, Norman Mailer e Gay Talese.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

como já se disse, a escrita da jornalista ao gênero literário. Por exemplo, sobrevivências resgatadas por Eliane Brum em relação às estratégias linguísticas do escritor João Guimarães Rosa. Referimo-nos, especialmente, à matéria “A floresta das parteiras”.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que Eliane Brum faz um deslocamento típico do jornalismo literário, “importado” da antropologia. Eliane Brum vai a campo em meio a um movimento ascendente nas principais capitais do país, tanto entre médicos quanto entre gestantes, em que as cesarianas são preferidas em detrimento aos partos naturais – uma inversão de valores que gera mais prejuízos para a Saúde pública e aumenta o índice de morte de mulheres no momento de nascimento de seus filhos. Decide-se pelo deslocamento a uma outra cultura: a de pessoas ribeirinhas no interior do Amapá, cujas vidas ainda são conduzidas mais pela sabedoria do que propriamente pela razão científica. Lá, ela acompanha o dia a dia da sobrevivência de uma tradição: a das parteiras que vivem no “ventre úmido da Amazônia”. Nas grandes capitais, essa forma de nascer pelas mãos de parteiras permanece apenas de forma residual, vista normalmente, pela população de um modo geral, como um refugio, algo que mantém um estatuto menor. Mas, no Amapá, mais de 90% da população chega pelas mãos das “pegadoras de menino”.

Guardadas as devidas proporções, Eliane Brum faz o que o historiador da arte Aby Warburg e o antropólogo Edward Tylor fizeram no século XIX, em momentos de crise, ao viajarem para o Novo México em busca de “sobrevivências” em outras culturas. Assim como Warburg e Tylor, a escritora move-se em direção ao terreno, aceitando a experiência existencial das perguntas que faz a si mesmo. Sobre esse tipo de deslocamento, Georges Didi-Huberman observa que se trata, “na verdade, de experimentar em si um deslocamento do ponto de vista: deslocar a própria posição do sujeito, a fim de poder oferecer meios para deslocar a definição de objeto” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 37). E, dessa forma, acabar por constatar que o presente se tece de múltiplos passados. Tanto Warburg, depois, quanto Tylor, antes, atestaram a “permanência”, a tenacidade das formas antigas na história ocidental. Segundo Georges Didi-Huberman:

O interesse fundamental do pensamento tyloriano nesse ponto, assim como sua proximidade da abordagem warburguiana, prende-se a um complemento decisivo: a “permanência da cultura” não se exprime como uma essência, um traço global ou arquétipo, mas, ao contrário, como um sintoma, um traço de exceção, uma coisa deslocada. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 47)

Então, utilizando o que o jornalismo literário chamou de imersão na realidade, Eliane Brum vê de perto, e retardando sua tarefa o quanto seja necessário, como vivem as parteiras do Amapá. Desloca, assim, o conceito de objetividade que se tem sobre os partos naturais, mas existe, aí, um outro deslocamento, tão ou mais importante do que aquele. Ela “descobre” não só a sobrevivência de uma tradição, mas também a intempestividade de uma forma de linguagem. De uma forma de pensar e de dizer a língua. Uma permanência que também se faz residual na cidade grande e que, volta e meia, é tratada numa roupagem depreciativa e caricata (por exemplo, em programas humorísticos). Ela redescobre a língua do ribeirinho da Amazônia, parente da língua de Riobaldo. No fim, tomada por essas pequenas luzes, esses pequenos gestos e vocábulos da gente da Amazônia, Eliane Brum, de uma forma pensada, deixa sua própria narrativa se contaminar. Para isso, busca em experiências artísticas já consagradas o contágio necessário para sua tarefa jornalística literária.

Portanto, não somente as parteiras, mas também a forma de pensar e de falar delas, estariam fora do nosso tempo, assumindo, numa estrutura interpretativa de um “estado das coisas”, o caráter de impossibilidade. Jacques Rancière nos diz que “um estado das coisas” apresenta-se como um dado objetivo que exclui a possibilidade de outros estados de coisas”, onde “o tempo é o melhor meio de exclusão” (RANCIÈRE, 2014, p. 203). Com isso, as cesarianas assumem, numa sociedade da técnica e da otimização, o lugar de um discurso que se escora na “necessidade histórica”. Não surpreende que as parteiras e seu ofício sejam marginalizados. Mas não só isso. O modo de falar delas também as torna “marginalizadas”. Extemporâneas.

A partir dessa dupla sobrevivência constatada por Eliane Brum, a das parteiras e a da linguagem das ribeirinhas, a jornalista vai se lançar à aventura de construir seu texto nessa zona de vizinhança entre o jornalismo e a literatura. Cabe-nos, aqui, a tarefa crítica de detectar os contágios, as escolhas feitas por Eliane Brum. Em especial, o contágio exercido pela obra de João Guimarães Rosa, em “A Floresta das parteiras”. Trata-se de uma tarefa interpretativa que segue os preceitos defendidos por Marília Rothier Cardoso:

[...] abandonando de vez a ideia de que a obra resulta de um surto genial de inspiração do artista e dedicando-se à busca dos múltiplos empréstimos contraídos [...] só, então, cabe creditar à articulação perspicaz, inventada por aquele operador de um acervo coletivo, o resultado (CARDOSO, 2014, p. 120-121)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Não importa aqui tanto saber se Eliane Brum seria um “ladrão voluntário de relíquias” de João Guimarães Rosa ou uma vítima inconsciente de intrusões de fragmentos da cultura – questão que poderia ser respondida na análise do arquivo da repórter. Importam os efeitos que ela consegue no seu ofício. E os resíduos sobreviventes de uma outra cultura e de uma outra temporalidade que consigamos detectar em sua obra, constituindo, assim, nosso arquivo a posteriori.

Em primeiro lugar, a fim de evitar exageros interpretativos, precisamos defender que a linguagem em Eliane Brum não perde jamais (pelo menos não em sua totalidade) o seu caráter instrumental. Uma matéria jornalística, antes de mais nada, precisa informar. Entretanto, a jornalista “deixa” seu texto ser pulverizado por outras sensibilidades que desparafusam essa instrumentalidade e fazem entrever uma intencionalidade de linguagem como práxis. Vamos nos ater à matéria especial “A Floresta das parteiras”, em que a jornalista claramente prioriza o discurso direto, ao apresentar o discurso de suas “personagens”. Eliane Brum começa o texto com um tom formal. Aos poucos, vai dando voz às parteiras, e cada vez mais dando voz. À medida que o texto prossegue, as “pegadoras de menino” vão falando mais, e Eliane Brum, fazendo menos intervenções. Como efeito, o texto vai se aproximando da comunicação oral cotidiana das ribeirinhas, até chegar ao ponto que “causos” contatos por elas ocupam parágrafos inteiros, inundando a matéria com formas idiossincráticas ou regionais. “A Floresta das parteiras” vai seguindo um rumo trilhado pelo livro “Grande Sertão: Veredas”: Riobaldo também é a vida que vai tomando forma de linguagem. E, no fundo, as parteiras formam um coletivo, uma vida, um Riobaldo. Caso fossem retiradas todas as intervenções da jornalista, se somente fossem deixados depoimentos das parteiras do começo ao fim, a matéria de Eliane Brum se aproximaria ainda mais de *Grande Sertão: Veredas*:

Dorica: Pegar menino é ter paciência/ O dom é assim, nasce com a gente/
E não se pode dizer não/ Parteira não tem escolha, é chamada nas horas mortas da noite para povoar o mundo.

Alexandrina: Mulher e floresta são uma coisa só/ A mãe-terra tem tudo, como tudo se encontra no corpo da mulher. Força, coragem, vida e prazer.

Dorica: Não tem perigo. Eles (jacarés) só comem cachorro e sandália/
Abrimos o bucho de um, dia desses, e era só o que tinha/ Queria pedir a Deus o meu aposentamento de parteira / Pegar menino é esperar o tempo de nascer/
Os médicos da cidade não sabem e, porque não sabem, cortam a mulher/ O que eu podia fazer pela sua mulher eu já fiz. Agora você tem de cuidar da família (diz a um marido).

Um marido: Se eu puder lhe dar alguma coisa, lhe dô.

Dorica: Deus dá o pago/ (quando uma criança morre) É uma criança que faltou na comunidade.

Jovelina: Deus me deu esse prestígio / Filho é riqueza, minha irmã / No meio deste fundão de morte, ou a gente vai enchendo o mundo de filhos ou desaparece/ Só tive oito.

Jovelina: Só,oras. É tão bom parir.../ E de fazer gosto mais ainda/ O primeiro foi com Isabel, mulher do compadre Sevério, que estava lá para o povoado da Volta das Cobras. ‘Deixa, compadre’, disse mamãe, ‘que a Isabel fica com nós’ De noite Isabel teve a febre, senti tremor de frio, não falou um ai. De manhã mamãe foi pra roça, fiquei eu mais Isabel. ‘Jovita, bota água para um banho’. ‘Tá aqui, Isabel’, disse eu. ‘Sabe que de madrugada me deu um grande tremor de frio?’, disse ela. ‘Foi, Isabel?’, disse eu. ‘Foi, Jovita.’ Tava penteando o cabelo quando se deu o despejo. ‘Jovita, minha mana, me acode.’ Peguei o menino. Tava frio, tava morto. Quando mamãe chegou, perguntou: ‘Que tal, Jovita?’ ‘Tá bom, mamãe.’ Ai, ela disse: ‘Bem, minha filha, a partir de agora você vai no meu lugar’. E eu fui.

Jovelina: Às 4 horas da tarde, Bertolamê se levantou e seu bastão se ‘amantumou’. Em seu caminho, caminhou. Encontrou Nossa Senhora, perguntou onde vai Bertolamê. Vou à casa de Nossa Senhora. Vai, Bertolamê, que lá te darei bom condão. Onde não morre mulher de parto nem menina abafada / O que essa mulherada sofre na maternidade é um golpe / Aqui, se o menino acomodou de mau jeito, a gente vai e dobra. Vou puxando até ele se ajeitar, botar a cabeça no lugar. Ai não precisa cortar. Médico, coitado, não sabe dobrar menino / Venham cá, seu bando de abestado! Ô, se minha mãe tivesse me botado na escola, eu não tava dando murro para passar/ Ô, filharada bonita, é não?

Rossilda: Eu sou de um tempo em que já tinha de ser mãe de filho para conhecer o mistério. Donzela não conversava de sexo para não sentir prazer no falar/ Quando é hora do menino chegar, a mulherada se reúne e é uma graça/ Curiaú de Dentro, Curiaú de Fora, fiz os parto no de aqui e no de lá. Tudo aqui nasceu pela minha mão/ Valei-me, Senhor, meu glorioso São João! São João foi ancorado lá no Rio de Jordão. Valha-me Deus, ó Deus de misericórdia! As cordas que me ouvem haverão de me levar / Senão, perde a valoridade.

Rossilda misturadas - Lá vem o menino escorregando pro mundo/ Tenho mão limpa e coração puro. Sou parteira, trago criança ao mundo.

Tereza Bordalo: Quem disse que não somos nada, que não temos nada, já se enganou. Repare nós organizadas e bem preparadas, com as parteiras estou/ Tomando chá de pele de cobra, o menino nasce sem dor, oui?

Índia Nazira Narciso: Índia, crioula, brasileira, é uma dor só. É tudo o mesmo chorar. O mesmo coração de mulher.

Juliana: Neste mundo fiz 339 filhos de pegação. Todos me chamam de mamãe. Era importante a vida antiga porque de tudo se entendia. Agora não se entende é mais nada. Tão aqui estas mãos. Elas são o mostruário do trabalho

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

que eu fiz. Tá bom? Então tá. Ô Virgem, sua vontade é da minha também.
(BRUM, 2000, s/n)

O exercício ao qual nos propomos acima é claro: amontoar as falas das parteiras, originalmente espalhadas no texto da jornalista, de modo que possamos detectar a semelhança com a linguagem marcante de Riobaldo. Dessa forma, é impossível não percebermos a força dessas vozes periféricas.

Por sua vez, Eliane Brum, que começa utilizando a “linguagem comum”, vai cedendo também em suas intervenções e, no seu ato de informar ou narrar, vai incorporando os “ataques à língua” feitos pelas parteiras, exatamente como forma de defender a língua própria dessa gente da Amazônia – essas pequenas luzes dos rincões do Brasil. E, assim, vai-se errando a língua no texto. Vai-se fazendo a contestação dessa “linguagem comum”, a exemplo do que pretendia João Guimarães Rosa. Enfim, se “escrever é um caso de devir”, como disse Gilles Deleuze (1997, p. 11), em que medida pode-se pensar, tanto nos textos de João Guimarães Rosa quanto nas matérias de Eliane Brum, o devir como narrativa?

Riobaldo diz: é questão de opiniões/ pastos carecem de fechos/ custante viagem / difícil de difícil/ homem de maiores ruindades calmas/ desenormes/ empós/ afamilhado/ êssezim/ concertar consertado/ no queimo/ Somenos... As parteiras dizem: aposentamento/ lhe dô/ Deus dá o pago/ fiquei eu mais Isabel/ se deu o golpe/ se amantumou/ bando de abestado/ alumniada/ ô, filharada bonita, é não?/ perdeu a valoridade/ pegação... Já Eliane Brum, no contágio exercido pela memória da linguagem de Riobaldo e pelo deslumbramento exercido pela sobrevivência dessa linguagem incriada, inacabada, característica dos ribeirinhos da Amazônia, vai se deixando³⁵ contaminar e, mais do que isso, vai deixando seu texto ser contaminado. Nos primeiros parágrafos, ela vai alternando o tom informativo (“quase 90% da população do Amapá...”) com figuras de linguagem elaboradas (“elas nasceram no ventre úmido da Amazônia”/ “esculpidas por sangue de mulher e água de criança”), vai entregando ao leitor uma certa musicalidade lírica (“negra, negríssima”/ “como se doença fosse”), mas, à medida que vai dando voz às ribeirinhas e, ato contínuo, a essa linguagem sendo criação, seu próprio texto vai se deixando afetar, e é a própria “linguagem comum” que vai sendo afetada. Nesse contágio, Eliane Brum escreve: de ajutório/ vivente e não vivente/

³⁵ A escolha pela forma nominal do verbo dá-se pela necessidade de evidenciar o processo de assimilação gradativa da linguagem ribeirinha no texto de Eliane Brum.

zoada/ distrair a barriguda/ desfrutar safadezas/ vão “de pés”/ zoada/ “puxar” o útero...

Dessa forma, defende-se, aqui, que o texto de Eliane Brum flerta com a escrita que Gilles Deleuze chamou de “caso de devir”. A exemplo de João Guimarães Rosa, embora em graus distintos, ela afronta certos hábitos narrativos e gramaticais domesticados, esgarçando a língua, aderindo ao caráter de oralidade. Operando sobre a linguagem, transforma também a relação com o mundo, ou o próprio mundo que será descoberto por uma nova linguagem. Ao analisar a obra de João Guimarães Rosa, Mirna Soares Andrade nos diz que “as palavras devem abalar, até incomodar, o que na língua rosiana é o mesmo que deslumbrar e surpreender, e é através delas que se questiona o óbvio e se reconhece o mundo na sua multiplicidade inexplicável” (ANDRADE, 2010, p. 58). Nesse sentido, Susana Krampff Lages acrescenta:

Essa “contestação da linguagem comum” operada pelo texto rosiano se dá paradoxalmente por um mergulho no contexto próprio de utilização dessa linguagem: no contexto da comunicação oral cotidiana, extraindo dela elementos que escapam ao uso comum por configurarem formas idiossincráticas ou regionais. (LAGES, 2002, p. 32)

Podemos dizer, então, que, afrontando os modos de “falar”, Eliane Brum afronta os modos de ser. Aponta para a existência de outras ontologias. Inclusive, de linguagens outras que não aquelas marcadas pela norma jornalística.

3. O contemporâneo em Eliane Brum

É necessário ainda pensar em que lugar se coloca Eliane Brum na contemporaneidade. Assim como nos mostrou o cineasta Pasolini, em seus filmes e em seus ensaios, as culturas populares têm um poder específico (político) na medida em que se reconhece nelas uma resistência histórica contra todo aceno de assimilação cultural. Nelas, é possível constatar uma vocação antropológica para a sobrevivência, a partir da identificação das gírias, vocábulos, modos de falar e de ser, tatuagens, lei do silêncio, mímicas, estruturas do meio ambiente e todo o sistema de relações inalterados de um grupo de pessoas. No início dos anos de 1970, o cineasta dá um exemplo dessa capacidade de ver e identificar essas resistências. Num deslocamento, ele deixa a Itália em direção à Eritréia, numa viagem cujo objetivo é (assim como Eliane Brum, quando foi até o Amapá) fazer uma reportagem, mas também escolher o elenco de um dos seus

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

filmes. Ele nos diz o que encontrou: “[...] eu me emocionei até as lágrimas com aqueles traços delicados, um pouco irregulares [...] essa violência não excluía a graça, ela fazia parte das coisas da vida [...]” (PASOLINI *apud* DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 96). Pasolini detecta, na época, a sobrevivência dos vaga-lumes – essas pequenas luzes, esses lampejos de contrapoder corporificados na permanência de culturas populares diante de todas as formas de fascismo.

Mas, em pleno século XXI, em especial no Brasil, a que parte da realidade – o contrário de um todo – a imagem dos vaga-lumes pode hoje se dirigir? A partir dessa pergunta e, ao se analisar as estratégias adotadas por Eliane Brum na elaboração da matéria “A Floresta das parteiras”, pretende-se defender aqui um lugar que a jornalista se instala na contemporaneidade. Cabe pontuar que a referida análise compreende o deslocamento do campo, bem como a valorização de uma linguagem que é ela mesma uma sobrevivência, uma permanência na cultura.

Eliane Brum posiciona-se dentro de uma discussão política e histórica, levando-se em consideração que “a questão dos vaga-lumes [...] trata-se de extrair o pensamento político de sua ganga discursiva e de atingir, dessa maneira, esse lugar crucial onde a política se encarnaria nos corpos, nos gestos e nos desejos de cada um” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 24). Assim como Pasolini, para ela, é necessário ver a memória – gíria, tatuagens e mímicas próprias a uma determinada população – como uma potência política capaz de reconfigurar o futuro.

Por isso, a descoberta da permanência de uma forma de falar e o uso “artístico” de uma linguagem intempestiva são tão importantes para mostrar-nos onde Eliane Brum se posiciona na contemporaneidade. Diante de uma forma hegemônica e imposta de encarar os grandes e os pequenos desafios do mundo, inclusive a questão relativa aos modos de nascer, as parteiras seriam um desses sinais luminosos revogados por Pasolini em 1941, mas revogados em 1975, diante da constatação de “genocídio cultural” na Itália. Eliane Brum mostra-nos que essas pequenas luzes não desapareceram. Cabe a nós procurá-las. Exatamente como Georges Didi-Huberman, quando nos mostra que, para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência. Eliane Brum, então, busca na temporalidade profunda de uma tradição antiga que sobrevive em uma cultura ribeirinha, bem como nos gestos, na linguagem e na sabedoria dessa cultura. Trata, assim, essa sobrevivência como um antídoto contra o enfraquecimento cultural resultado do que Pasolini considerou como “genocídio cultural” (PASOLINI *apud* DIDI-

HUBERMAN, 2011, p. 28). Atesta assim a existência dessas pequenas luzes nas diferentes culturas particulares.

Antes de 75, Pasolini via essas pequenas luzes nas diferentes culturas particulares (camponeses, subproletariados e operários). Por isso, era tão importante a recuperação dos dialetos regionais. Pode-se dizer que João Guimarães Rosa encontrava essa luminescência no homem do sertão e na sua linguagem. Eliane Brum, em “A Floresta das Parteiras”, descobre esses paralimpos nos ribeirinhos – que resistem a “essa assimilação (total) ao modo e à qualidade de vida da burguesia. Diante dos grandes refletores da sociedade do espetáculo e sob o reino da mercadoria, Eliane Brum observa o intempestivo que resiste. Por isso, acaba sendo ela também um vaga-lume com sua narrativa jornalístico atravessado pela literatura. Um vaga-lume em seu caráter político e histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mirna Soares. *A palavra e sentido na correspondência entre Guimarães Rosa e a sua tradutora americana*. Rio de Janeiro, 2010, Dissertação (de Mestrado em Letras). – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BRUM, Eliane. A enfermaria entre a vida e a morte. *Revista Época*. São Paulo: Globo, 2008. Disponível em:

<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT10399-15257-10399-3934,00.html>>. Acesso em: 20-06-2015

_____. A floresta das parteiras. *Revista Época*. São Paulo: Globo, 2000. Disponível em:

<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI160405-15228,00.html>>. Acesso em: 20-06-2015.

_____. O inimigo sou eu. *Revista Época*. São Paulo: Globo, 2008. Disponível em:

<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG80874-8055-503,00.html>>. Acesso em: 20-06-2015.

CARDOSO, Marília Rothier. A noção de sobrevivência e o refinamento das tarefas críticas. In: SOUZA, Eneida Maria; LYSARDO-DIAS, Dylia; BRAGANÇA, Gustavo Moura. (Orgs.). *Sobrevivência e devir da leitura*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 119-135.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

CASTRO, Eduardo Viveiros. O chocalho do xamã é um acelerador de partículas. In: SZTUTMAN, Renato. (Org.). *Encontros: a arte da entrevista*. 1. ed. Rio de Janeiro: Azougue, 2008, p. 24-49. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/97196790/Viveiros-de-Castro-Eduardo-Encontros#scribd>>. Acesso em: 20-06-2015.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. 1. ed. Trad.: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. 1. ed. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

_____. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad.: Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

LAGES, Susana Krampff. *João Guimarães Rosa e a saudade*. Cotia: Ateliê, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Cultura: desafios do popular à razão dualista. In: _____. *Ofício do cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Trad.: Fidelina González. São Paulo: Loyola, 2004, p. 109-176.

RANCIÈRE, Jacques. Em que tempo vivemos. *Revista Serrote*, Rio de Janeiro, n. 16, março de 2014.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

SODRÉ, Muniz. *Narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.